



A representação do ensino superior no gênero midiático editorial¹

Michel Carvalho da SILVA²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

O presente artigo analisa os editoriais produzidos pelo jornal Folha de S. Paulo sobre o ensino superior durante o governo Lula (2003-2010), verificando como a publicação representa socialmente as políticas públicas relativas do setor. O corpus é formado por 64 textos que são identificados por palavras-chave que se referem às diferentes temáticas do sistema universitário brasileiro. A hipótese central é que a Folha de S. Paulo privilegia determinadas agendas em detrimento de outras, na tentativa de construir um modelo ideal de educação superior. A interpretação dos dados será realizada a partir da Análise do Conteúdo (Bardin), assim como nos estudos da linha de pesquisa comunicação e educação.

PALAVRAS-CHAVE: educação; jornalismo; ensino superior; Folha de S. Paulo.

Introdução

Há décadas, o desafio do ensino superior brasileiro reside justamente na dicotomia entre excelência e democratização do acesso. Nas últimas décadas, o país passou por um crescimento na oferta de vagas nas IES, principalmente, na rede privada. No entanto, a expansão é criticada por alguns setores pela ameaça que pode representar à qualidade de ensino.

Realmente, o acesso ao ensino superior no Brasil ainda é para poucos. Segundo dados do IBGE/Pnad verificados no final da última década, a taxa de escolarização líquida na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior, passou de 9,8% em 2002 para 14,4% em 2009. Em relação a nossa escolarização bruta, o número é de 36%. O crescimento é significativo, mas deve ser relativizado, principalmente se compararmos com nossos vizinhos sul-americanos, para efeito de análise, o índice é praticamente o

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013. O artigo é uma síntese das reflexões suscitadas durante a elaboração da dissertação de Mestrado *O retrato do ensino superior no discurso midiático-editorial: as representações de excelência e democratização na Folha de S. Paulo (2003-2010)*, sob a orientação do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, do PPGOCM-USP, com defesa prevista para agosto de 2013.

² Jornalista, Especialista em Comunicação Pública e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na linha de pesquisa Comunicação e Educação. Email: michelcarvalho@usp.br.



mesmo do Paraguai (37%) e bem abaixo dos 59% do Chile ou 69% da Argentina. O quadro se agrava, quando a comparação envolve países desenvolvidos, como Espanha (73%), EUA (89%) e Finlândia (92%).

O Plano Nacional de Educação (PNE) tem uma meta ambiciosa em relação ao aumento do número de matrículas no ensino superior. O projeto prevê que o país tenha 50% dos jovens de 18 a 24 anos matriculados numa IES até 2020. Assim, para cumprir esse objetivo, teríamos que dobrar os números atuais.

Hoje, sete em cada dez universidades públicas no país já adotam alguma ação afirmativa, na forma de cotas ou de bônus na nota final de alunos de escolas públicas, negros, indígenas e de outros grupos minoritários. Nas instituições particulares, o programa Prouni (Programa Universidade para Todos), criado pelo governo Lula no primeiro semestre de 2004 e regulamentado pela lei nº 11096/05, foi responsável pelo ingresso de muitos de alunos oriundos da escola pública.

Outra importante ação do governo Lula, dirigida à ampliação do ensino superior, foi a criação do Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), regulamentado pelo decreto nº. 6.096/2007, que teve como finalidade ampliar o acesso e a permanência nas instituições universitárias federais.

A tradição da universidade pública no Brasil é marcada pela excelência e pela elitização. Existe a ideia consagrada de que a maioria da sociedade brasileira não se beneficia da instituição que ela mesma ajuda a financiar. Em parte, esse pensamento está correto, até porque a maioria dos estudantes pobres e da rede pública só consegue ingressar no ensino superior na rede privada.

As vagas para os cursos mais concorridos nas instituições públicas, como direito, engenharia e medicina, continuam sendo ocupadas por alunos das classes mais abastadas, apesar do crescimento de matrículas de estudantes de escolas públicas nos últimos anos. Por exemplo, na USP (Universidade de São Paulo), segundo informações da Pró-Reitoria de Graduação, 72% dos ingressantes no último vestibular são alunos da rede particular.

Como percebemos, a discussão em torno do ensino superior é complexa, principalmente por contrapor interesses e pela dificuldade em pensar em soluções consensuais. Diante desse cenário, a comunicação midiática exerce papel importante como promotor do debate educacional na esfera pública, fazendo circular discursos sociais sobre a realidade da universidade brasileira.



Entendemos que o retrato social da universidade passa necessariamente por sua visibilidade midiática. Dessa forma, compreendemos que o jornal Folha de S. Paulo (também o chamaremos de Folha), por meio de seus editoriais, tenta buscar adesão, convencer o leitor e mobilizá-lo em torno de posicionamentos defendidos a respeito de determinadas questões relativas à educação superior.

Ao optarmos pela Folha como objeto de estudo, levamos em consideração o fato de, segundo o IVC – Instituto Verificador de Circulação, o jornal ser o diário brasileiro com maior alcance geográfico em todo o país, na faixa dos chamados jornais de prestígio. Outro fator determinante para a escolha do veículo do Grupo Folha é o levantamento do Instituto FSB Pesquisa, que mostra que o jornal é o preferido entre os deputados federais. Esses fatos contribuem para demonstrar a relevância da publicação na esfera pública brasileira.

A mídia e a agenda educacional

A inter-relação comunicação-educação ocorre em vários níveis. Em nosso trabalho, refletiremos sobre as opiniões defendidas nos editoriais publicados pelo jornal Folha de S. Paulo, veículo pertencente a um dos maiores grupos de mídia do país, a respeito do ensino superior. Para isso, precisamos refletir sobre a centralidade da comunicação na sociedade contemporânea, assim como em sua influência na opinião pública. É fundamental também pensar que na construção de sentidos pela representação midiática, observando a recorrência temática no conjunto dos editoriais analisados.

A mídia é a principal veiculadora de informação na sociedade contemporânea. Os meios de comunicação dispõem de uma estrutura que lhe possibilitam atingir um grande público, além de serem fundamentais para a formação de uma visão de mundo de pessoas e instituições. Essa capacidade atribuída à mídia relaciona-se com o conceito de poder simbólico formulado por Bourdieu, que está diretamente ligado ao efeito de mobilização:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de



mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário (2001, p.14).

O poder de mobilização promovido pela comunicação pode ser explicado pela responsabilidade exercida pela mídia em tornar o mundo inteligível para o público. Silverstone (2005) ressalta que a experiência humana é enriquecida ou empobrecida por imagens e palavras que não teríamos acesso sem a presença dos meios de comunicação. É nesse sentido que, cada vez mais, a compreensão sobre o que entendemos por sociedade depende do caráter onipresente da mídia.

A compreensão da realidade social fornecida pelos meios de comunicação nos remete à hipótese da agenda-setting, formulada por McCombs e Shaw, que investiga a importância da mídia como mediadora entre o indivíduo e a realidade da qual se encontra distante. Wolf descreve essa abordagem dessa maneira:

[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. (1999, p. 130).

A agenda setting, como um estudo dos efeitos a longo prazo, redimensiona o grau de influência dos meios de comunicação. O poder de intervir diretamente no comportamento humano, é substituído pela tentativa em determinar os assuntos que serão discutidos pelas pessoas no dia a dia. Para alcançar tais objetivos, é preciso a divulgação recorrente de notícias e opiniões sobre determinados temas.

Wolf (1999) mostra que a capacidade de influência dos meios de comunicação sobre o conhecimento daquilo que é importante e relevante, varia segundo a própria dinâmica da sociedade, isto é, eventos que ocorram no cotidiano e ações ligadas ao poder público. Quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm de um determinado tema, mais esse conhecer dependerá da mídia para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área.

Para tematizar um problema, Wolf mostra que é preciso colocá-lo como prioritário para o público, dando-lhe o relevo adequado, salientando a sua centralidade e o seu significado em relação ao fluxo das demais informações.

A função dos meios de comunicação é representar e não produzir a esfera pública. Segundo Charaudeau (2009), as mídias exercem o papel de publicização do



espaço público, isso não representa a tomada dele a fim de influenciar o conjunto da sociedade. Segundo o autor, é na relação entre instância de produção e instância de recepção que se constrói a opinião pública. Esse processo é resultante, sob a lógica das mídias, de um entrecruzamento entre conhecimentos e crenças de um lado, opiniões e apreciações de outro.

O jornalismo, por sua gênese profissional, procura se legitimar como um influente formador de opinião pública na perspectiva que o leitor compartilhe de suas posições, contrapondo ou reafirmando os interesses do poder político vigente.

Como o objeto de análise neste trabalho são os editoriais publicados pelo jornal Folha de S. Paulo, recorreremos à concepção deste gênero sob a perspectiva técnica da comunicação:

Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista etc.) ou emissão (programa de televisão ou rádio). O editorial apresenta, principalmente em sua forma impressa, para jornal, traços estilísticos peculiares (RABAÇA&BARBOSA, 1978, p. 227).

Considerando que através dos editoriais, as empresas de comunicação manifestam oficialmente sua opinião sobre os fatos mais importantes ocorridos no cotidiano, esse gênero do jornalismo opinativo é popularmente descrito como a voz do “dono”. O editorial não reflete exatamente a opinião dos seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam do grupo de dirigentes que participam da gestão da organização.

Muitos teóricos do jornalismo acreditam que os editoriais pretendem dialogar com os agentes de governo, que detém o poder decisório e a burocracia estatal. Melo (2003) considera que essa tentativa de chamar a atenção dos governantes não significa perceber as reivindicações da opinião pública e expressá-las a quem de direito. “Significa muito mais um trabalho de 'coação' ao Estado para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam” (MELO, 2003, p.105).

Neste estudo, é importante também refletir sobre como as representações são geradas no processo de comunicação. Moscovici (2009) chama a atenção para a necessidade de relacionar esses dois campos teóricos:

Foi fundamental, desde o início, estabelecer a relação entre comunicação e representações sociais. Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar, sem que partilhemos

determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social, quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação. Sem isso, seríamos levados à atrofia e, no final, tudo desapareceria. (2009, p. 371)

O estudo das representações sociais contribui para entender como as reinterpretções do real se materializam no comportamento humano, nas práticas de consumo e na linguagem. Dessa forma, os conceitos de Moscovici são um importante referencial para refletir em torno das construções simbólicas fornecidas pelos meios de comunicação, no caso, a representação social da educação superior brasileira.

Metodologia

O corpus de análise é formado por editoriais relativos à educação superior, publicados pela Folha, durante o governo Lula, entre 2003 e 2010. A busca por esses textos foi realizada a partir do Acervo Folha³, aplicativo disponível no site do jornal, conforme figura 1.

No processo de seleção foram desconsiderados editoriais que retratavam o ensino superior de forma secundária, isto é, o enfoque majoritariamente se referia a outras questões, como textos sobre a reforma da previdência, que incluía os docentes da rede federal, ou a respeito da educação nos vários níveis, em que a universidade é mencionada juntamente com o ensino fundamental e o médio.

Figura 1. Aplicativo de busca detalhada do Acervo Folha

3 Disponível em http://acervo.folha.com.br/busca_detalhada/



Nesta pesquisa, os editoriais publicados pelo jornal Folha de S. Paulo, de 2003 a 2010, versando sobre o ensino superior, foram identificados pela data de publicação e por palavras-chave, isto é, pelos principais temas abordados pelo enunciador, cuja fala atribui-se ao editorialista.

Nº	EDITORIAL	DATA	PALAVRAS-CHAVE
1	Universidade e justiça	08 jun 2003	Investimento; Cobrança IES públicas
2	Explosão universitária	05 ago 2003	Expansão IES privadas; Excelência
3	Ameaça ao provão	04 set 2003	Avaliação
4	Escalada universitária	22 out 2003	Expansão IES privadas; Excelência
5	Farra universitária	30 out 2003	Excelência; Expansão IES privadas
6	Avaliação do ensino	04 dez 2003	Avaliação; Contrapartida social
7	Lei universitária	13 jan 2004	Expansão IES privadas; Excelência
8	USP, 70	23 jan 2004	Excelência; Investimento; USP
9	Ilusão universitária	29 jan 2004	Expansão IES privadas; Excelência
10	Tribunal Racial	02 mai 2004	Ações Afirmativas
11	Acesso à universidade	30 mai 2004	Ações Afirmativas; Excelência
12	Crise universitária	30 jun 2004	Investimento; Crise IES públicas
13	Violência Estudantil	09 jul 2004	Crise IES públicas; USP; Unesp; Unicamp
14	O fim do vestibular	18 jul 2004	Processo Seletivo; Enem
15	Mais vagas noturnas	09 set 2004	Democratização
16	Universidade para todos	19 set 2004	Democratização; Elitismo Acadêmico; Prouni
17	Inclusão sem qualidade	15 nov 2004	Democratização; Excelência; Prouni
18	De mal a pior	30 nov 2004	Excelência
19	Cursos fechados	25 dez 2004	Excelência; Expansão IES privadas; Funcionamento de Cursos
20	Apoio ao estudante	29 dez 2004	Prouni; Permanência Estudantil; Ações Afirmativas
21	Mestres e doutores	10 mai 2005	Excelência; Corpo Docente; Mercantilização
22	Alternativa às cotas	37 mai 2005	Ações Afirmativas; Democratização; Elitismo Acadêmico
23	Reforma da Reforma	05 jun 2005	Reforma Universitária; Autonomia; Ações Afirmativas
24	O papel das fundações	23 jun 2005	Cobrança IES públicas; Investimento; Fundações
25	Mais doutores	30 jun 2005	Corpo Docente; Excelência
26	Faxina no MEC	08 ago 2005	Excelência; Funcionamento de cursos
27	Desafios da USP	12 out 2005	Expansão de vagas; Excelência;



			Gestão Universitária; USP
28	Educação democrática	23 dez 2005	Democratização; Ações Afirmativas; Elitismo Acadêmico
29	O público da USP	20 fev 2006	Democratização; Ações Afirmativas; Elitismo Acadêmico; USP
30	Universidade aberta	08 mai 2006	EaD; Licenciatura; Evasão
31	Reitores e eleitores	10 mai 2006	Autonomia; Reforma Universitária
32	Cursos monitorados	17 mai 2006	Excelência; Funcionamento de cursos; Avaliação
33	Inclusão universitária	20 mai 2006	Ações Afirmativas; Democratização; Meritocracia
34	Cota da demagogia	05 jun 2006	Ações Afirmativas; Excelência; Meritocracia
35	Atenção aos alunos	24 jun 2006	Democratização; Excelência; Vagas Ociosas; Prouni
36	Avanço afirmativo	14 ago 2006	Ações Afirmativas; Meritocracia; Democratização
37	Educação afirmativa	21 ago 2006	Ações Afirmativas; Autonomia; Permanência Estudantil
38	Fim das disciplinas	04 out 2006	Processo Seletivo; Fuvest
39	Barreira na elite	21 nov 2006	Ações Afirmativas; Meritocracia; Autonomia
40	Canos furados	08 jan 2007	Evasão; Democratização; Prouni
41	Universidade nova	22 jan 2007	Reforma Universitária; Internacionalização; Evasão
42	Autonomia eficiente	06 fev 2007	Autonomia; Gestão Universitária
43	Autonomia desfocada	19 mai 2007	Autonomia; Gestão Universitária
44	Ceder na USP	24 mai 2007	Crise Universitária; Autonomia; USP
45	Todos perderam	23 jun 2007	Crise Universitária; Autonomia; USP
46	Expansão às pressas	17 jul 2007	Expansão IES federais; Prouni; Excelência; Reforma Universitária
47	Virar a página	12 fev 2008	Centros Universitários; Funcionamento de Cursos
48	Perda de tempo	01 mai 2008	Excelência; Avaliação; Gestão Universitária; IGC; UFBA
49	Aperfeiçoar o Enade	10 ago 2008	Avaliação; Enade
50	Inclusão enviesada	19 ago 2008	Prouni; Profissionalização; Democratização
51	Controle de qualidade	15 set 2008	IGC; Excelência
52	Vagas à distância	04 out 2008	EaD; Democratização; Excelência
53	Cotas de imperfeição	25 nov 2008	Ações Afirmativas; Autonomia; Democratização
54	Fundos universitários	12 jan 2009	Investimento; Fundações; Gestão



			Universitária
55	Ensino superior e distante	04 fev 2009	Licenciatura; EaD; Expansão de IES
56	Bonificação na USP	24 fev 2009	Ações Afirmativas; Excelência; Meritocracia; USP
57	Faculdades em transição	27 fev 2009	Prouni; Expansão IES privadas; Excelência; Vagas ociosas
58	Vestibular nacional	23 mar 2009	Processo Seletivo; Enem; Mobilidade Estudantil
59	Prouni na mira	24 abr 2009	Prouni; Vagas Ociosas
60	Tribunais da raça	27 abr 2009	Ações Afirmativas; UnB; UFSM
61	Superior incompleto	30 jul 2009	Mercantilização; Excelência; Corpo Docente
62	Torres de marfim	26 ago 2009	Enade; Avaliação; USP; Unicamp
63	Prejuízo à educação	09 nov 2010	Processo Seletivo; Enem
64	Falhas no Enem	01 fev 2010	Processo Seletivo; Enem; Sisu

Tabela 2 – Editoriais da Folha de S. Paulo sobre o Ensino Superior (2003-2010)

Como sabemos, não existe um mundo naturalmente categorizado. Assim, como ressalta Marcuschi (2003), as categorias funcionam como modelos sociais. Para o autor, a recorrência é um critério formador das categorias, uma vez que quando temos situações que ocorrem frequentemente, nossos conhecimentos armazenados são invocados para constatar similaridades e, com isso, determinar a própria leitura dos acontecimentos.

Destarte, procura-se classificar ideias, eventos o objetos com nomes que são partilhados pela comunidade discursiva que os utiliza, partindo do princípio que essas denominações são conhecidas pelo saber acumulado desse grupo. Bardin (2004) lembra que classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros.

Neste trabalho, depois do processo de seleção e identificação do corpus, categorizamos as representações, organizando-as de modo que refletissem o conjunto de enunciados relativos às mesmas categorias (avaliação, excelência, democratização, gestão, seleção e evasão), conforme a tabela 3.

Ressaltamos que cada editorial pode tratar de diferentes temáticas dentro do universo do ensino superior, apresentando mais de uma representação. Por isso, optamos por não classificar os textos isoladamente, mas providenciar recortes que reunidos formassem uma mesma cadeia de sentidos.

Ao classificar as representações sociais sobre o ensino superior em seis categorias, é possível que essa opção não atenda integralmente à construção de um quadro real, mas inegavelmente é uma tentativa significativa do ponto de vista de aproximação à realidade empírica.

Vale destacar que ao propor a discussão sobre o Prouni, o editorialista, a quem se atribui a responsabilidade pelo enunciado, está debatendo essencialmente democratização do acesso ao ensino superior. Essa lógica é utilizada para as demais categorias, como mostra a tabela abaixo:

REPRESENTAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE (TEMÁTICAS)
Avaliação	avaliação, IGC, Enade, contrapartida Social
Excelência	excelência, elitismo acadêmico, corpo docente, internacionalização, USP, UNICAMP, Unesp, UFBA, UnB, UFSM
Democratização	democratização, expansão de vagas/ IES privadas /IFES, EaD, ações afirmativas, Prouni, profissionalização, licenciatura
Gestão	gestão universitária, autonomia, crise, centros universitários, cobrança IES públicas, reforma universitária, fundações, mercantilização, investimento, funcionamento de cursos
Seleção	processo seletivo, Fuvest, Enem, Sisu, meritocracia
Evasão	evasão, vagas ociosas, permanência, mobilidade estudantil

Tabela 3 – Representações construídas pelo conjunto de editoriais

Análise Descritiva

A interpretação dos dados a seguir tem como objetivo demonstrar como o problema se revela estatisticamente. De forma geral, podemos afirmar que o jornal Folha de S. Paulo dedicou pouco espaço para o assunto em seus editoriais, tendo uma média de oito por ano.

No primeiro mandato do presidente Lula, de 2003 a 2006 foram publicados 39 editoriais, quase 10 por ano. Já no segundo, de 2007 a 2010, 25 textos dessa modalidade foram produzidos, numa média de 6,25, isso equivale a 35,9% a menos que no primeiro período anterior.



Os anos de 2004, 2006 e 2009 foram aqueles que mais apresentaram editoriais com a temática do ensino superior brasileiro, sendo que o primeiro é responsável por 25% dos textos analisados, conforme se vê:

ANO	EDITORIAIS	%
2003	6	9,38
2004	16	25,00
2005	6	9,38
2006	11	17,19
2007	7	10,94
2008	6	9,38
2009	10	15,63
2010	2	3,13
TOTAL	64	100,00

As representações de “democratização” e de “excelência” são as mais recorrentes no conjunto de editoriais, apresentando 30,41 e 26,9 %, respectivamente, seguidas das representações de “gestão”, “seleção”, “avaliação” e “evasão”, como mostra a tabela a seguir:

CATEGORIA	OCORRÊNCIAS	%
Avaliação	11	6,43
Excelência	46	26,90
Democratização	52	30,41
Gestão	38	22,22
Seleção	16	9,36
Evasão	8	4,68
Total	171	100,00

Considerando que cada representação corresponde a um conjunto de temas que estabelece uma relação entre si, verificamos que determinados assuntos são recorrentes na representação do ensino superior brasileiro na ótica dos editoriais da Folha. A temática “excelência” teve 24 ocorrências, seguido das “ações afirmativas”, “democratização”, “autonomia” e “Prouni”. Esse cenário reforça a dicotomia entre qualidade acadêmica e expansão universitária.



A USP é a instituição universitária mais mencionada pelos editoriais da Folha, com 4,73%. Aliás, a maior universidade da América Latina foi título de quatro editoriais no período. As outras universidades citadas são Unicamp, Unesp, UFBA, UnB e UFSM.

PALAVRA-CHAVE	OCORRÊNCIAS	%
Excelência	24	14,20
Ações Afirmativas	15	8,88
Democratização	12	7,10
Autonomia	9	5,33
Prouni	9	5,33
USP	8	4,73
Expansão IES privadas	7	4,14
Avaliação	6	3,55
Gestão Universitária	5	2,96
Investimento	5	2,96
Meritocracia	5	2,96
Processo Seletivo	5	2,96
Elitismo Acadêmico	4	2,37
Enem	4	2,37
Reforma Universitária	4	2,37
Corpo Docente	3	1,78
EaD	3	1,78
Evasão	3	1,78
Funcionamento de Cursos	3	1,78
Vagas Ociosas	3	1,78
Enade	2	1,18
Fundações	2	1,18
Licenciatura	2	1,18
Unicamp	2	1,18
Cobrança IES públicas	2	1,18
Crise IES públicas	2	1,18
Crise Universitária	2	1,18
Aprovação de Cursos	1	0,59
Centros Universitários	1	0,59
Contrapartida Social	1	0,59
Expansão de vagas	1	0,59



Expansão de IES	1	0,59
Fuvest	1	0,59
IES particulares	1	0,59
IGC	1	0,59
Internacionalização	1	0,59
Mercantilização	1	0,59
Mobilidade Estudantil	1	0,59
Permanência Estudantil	1	0,59
Profissionalização	1	0,59
Sisu	1	0,59
UnB	1	0,59
UFBA	1	0,59
UFSM	1	0,59
Unesp	1	0,59
TOTAL	169	100,00%

Como adverte Wolf, avaliar a importância de um assunto tendo como base apenas o número de vezes em que é citado significa mais o resultado de um processo metodológico de observação da agenda midiática do que a reflexão teórica sobre o problema. Considerar apenas a variável de frequência como índice da percepção da importância dos temas parece insuficiente diante da complexidade do objeto de pesquisa. No entanto, a Análise de Conteúdo como um método empírico serve como indicativo para uma interpretação mais ampliada.

Algumas Considerações

O quadro descritivo nos permite verificar que as representações de avaliação, democratização, excelência, evasão, gestão e seleção identificadas nos editoriais da Folha constroem um retrato do ensino superior no Brasil durante o governo Lula. De forma geral, as políticas públicas do período correspondente ao objeto deste estudo são avaliadas negativamente. O cenário descrito pelos editoriais é de um sistema deficiente, mal avaliado, muito aquém do projeto de desenvolvimento econômico e social almejado para o país.

Apesar da inegável necessidade de ampliar a oferta de vagas no ensino superior brasileiro, admitida em alguns editoriais, a Folha demonstra preocupação com o crescimento na rede particular. Na maior parte dos textos que versam sobre excelência, o sistema privado é retratado como de péssima qualidade por objetivar primeiramente o



lucro e não a formação acadêmica dos graduandos. Analisando a relação entre temáticas e representações produzidas, podemos afirmar que os sentidos atribuídos a essas instituições estão relacionados à ideia de “mercantilismo educacional”.

Em relação ao setor público, a Folha defende um modelo de ensino superior que privilegie o mérito acadêmico e a formação de uma elite intelectual. Em pelo menos dois editoriais, o jornal sustenta a tese de que a vida acadêmica não é para todos, como sugere o Prouni, mas somente para os mais preparados. Os enunciados reforçam o argumento de que as universidades públicas são espaços voltados prioritariamente para a produção científica, o que exige uma seleção criteriosa em busca das melhores “cabeças”. Diante disso, a expansão de vagas é vista como uma ameaça para o nível de excelência de instituições tradicionais como a USP.

A análise também constata que o jornal assume um posicionamento explicitamente contrário à adoção de cotas raciais nas universidades públicas, o que pode ser comprovado pela publicação de quinze editoriais relativos ao tema num universo de 64. A solução apontada pelo conjunto de textos para a ampliação de vagas para grupos historicamente excluídos é a universalização do ensino fundamental e médio de qualidade.

As representações sociais produzidas pelos editoriais da Folha reafirmam a necessidade de uma reforma na universidade brasileira, que envolve desde a gestão orçamentária das instituições públicas até a regulação estatal sobre a rede privada, passando pela reformulação dos currículos dos cursos. De forma ampla, a pesquisa nos leva a concluir que o ensino superior brasileiro no período analisado é o retrato de uma gestão educacional que não atende aos imperativos da contemporaneidade.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.



- BRASIL. MEC/INEP. **Censo da educação superior**. Brasília: INEP, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARCUSCHI, L. Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido In: FELTES, H. P. de Moraes (org.). **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- MELO, J. Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro a Dilma**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- RABAÇA, Carlos; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SPELLER, Paulo; ROBL, Fabiane; MENEGHEL, S. Maria (orgs.). **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. Brasília: UNESCO/CNE/MEC, 2012.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.